

ATA DA ASSEMBLÉIA REGIONAL DE TUXAUAS - SURUMU:

Nos dias 27 e 28 de outubro de 1.979 reuniram-se, na Missão São José, os tuxauas e segundos tuxauas das Comunidades Indígenas da Região, do Surumu, a fim de conversarem e refletirem sobre a vida e os problemas de seu povo.

Tuxaua Terêncio abriu a reunião, com uma oração em macuxi. Em seguida, disse: "Hoje estamos, outra vez, em reunião aqui na Missão. Muitos não se conhecem. É bom que se apresentem os Tuxauas para todos verem quem são e para poder contar quantos vieram. (Levantaram-se quatorze T.)"

Está reunião, irmãos, é a reunião dos Tuxauas, daqueles que trabalham para suas comunidades. Muitos não sabem porque as reuniões. Nos - sos avós já faziam reuniões, Estamos aqui se encontrando para conversar, para se conhecer, Os parentes, as vezes, ficam meio sem saber o que dizer porque é aqui, entre os padres. Mas o padre não tá fazendo nada; tá só querendo saber o que está havendo. A reunião é nossa!

Uns acham difícil que de resolver os problemas. Mas, acreditando em Deus e nesta assembléia, nós resolveremos. A FUNAI que não pode resolver porque não está sabendo. Tem que ser os próprios moradores.

Deve ser dito só uma verdade e não aquilo que "ouvi dizer".

A seguir Tuxaua Tereêncio, coordenador da reunião, passou a palavra aos demais Tuxauas a fim de que estes relatassem a situação de suas comunidades

Tuxaua Laurindo - Cantagalo

Estou com 8 meses de serviço. Tem 15 homens na comunidade e 84 pessoas com os que moram mais longe.

Primeira reunião que eu fui, foi no Ontão, dia 10, depois no Cantagalo e agora, aqui.

O problema que eu ainda não tenho força para dizer, e vou ter mesmo, conforme o pessoal for se comportando. Meu pensamento é trabalhar na roça e prá família. Este ano não temos roça para a comunidade. Trabalhamos só cada um. O único trabalho de comunidade que estamos fazendo é a Casa do Forno. Nem todos concordaram e estamos trabalhando só com quem concordou. Quero batar minha maloca prá frente.

O porco do fazendeiro entrou na roça e acabou com uns 50m. de macaxeira. Já avisei duas vezes. O porco é de "seu Nego", da Guanabara. Ele quer que acabe com a roça, mas ninguém vai acabar. Nós queremos é plantar ainda mais.

Meu avô falou que da boca do Limão até o Monte Moraima é dos índios. Então como é que tem tantas fazendas? Eles sabem que a terra é nossa. Tem muito pé de cajueiro, beirando a Serra da Memória, onde meus avós moravam, que eles plantaram.

Já chega de tá contando caso. Já chega de cercar a casa, o terreno, a roça, o campo, eu não quero mais cercado. A gente mesmo tá cercando porque a gente precisa. Mas já chega! Tudo é nosso, onde vamos caçar, vamos pescar, é nosso, onde vamos sustentar nossa família!

De onde vieram estes brancos que não respeitam as terras dos índios. Pedro Álvares Cabral, quando descobriu o Brasil, encontrou primeiro os índios, que são os brasileiros.

Chega de confusão!

Tuxaua Adelino - Perdiz

Já teve reunião que eu não apareci aqui.

Civilizado nos roubou. Fomos procurar nossos direitos em Boa Vista. O pessoal ficou descontente e eu quiz entregar o cargo, mas a FUNAI não quiz receber, dizendo: "Você tá novo, tem que trabalhar mais." Fui na Funai também para buscar medicamentos para o Posto Médico. Mas, para ser enfermeiro, tem que saber ler, escrever, e, de preferência, ser da maloca.

Na escola ainda falta cimento. Fui na Secretaria de Educação para resolver isto. Disseram que precisa arranjar professores da maloca, mesmo, porque os de lá querem sair. Eles ficarão até o fim do ano.

O trabalho vai indo devagar.

Tuxaua Floriano - Limão

É a primeira vez que venho numa reunião aqui na Missão. Nem sei como é que faz.

tem dezenove pessoas que participam. Sou tuxaua desde 22 de fevereiro. Não sei praticar ser tuxaua; é difícil comandar os mais velhos.

Domingo reúno o pessoal para conversar. Não tenho segunda pessoa que reponda por mim. Sozinho não resolvo nada.

O pessoal diz: "Já teve tuxaua velho que nunca conseguiu organizar o pessoal; um tuxaua novo é que não vai conseguir." Mas vamos sempre tentar conversar com o pessoal, sem ficar brabo, prá saber se o tuxaua tá trabalhando direito. Mas não disseram nada ainda.

Tivemos dois problemas lá, mas me saí bem. Não fiquei atrapalhado.

Lá na maloca tem uma placa (do SPI) mas parece que não está valendo nada, pois o branco está avançando cada vez mais.

(A seguir fez os mesmos comentários em macuxi.)

Tuxaua Lázaro - Pedra do Sol

Aprendi pouco Português e pouco "Gíria".

É a quarta vez que venho para encontrar com os tuxauas. Não sou conhecido como tuxaua na Funai. Só pelos padres. Primeiro não tinha tuxaua. Era o tuxaua do Contão.

Antes eram muitos na minha comunidade. Mas foram embora. Chegou civilizado e pegou filho e filha prá empregar. Nunca mais voltaram. Assim só ficou velho na comunidade. Só somos três famílias. São 14 pessoas.

Tem muitos que tem os problemas prá falar, mas ficam abafando. Eu não gosto de abafar.

Tem muito gado de branco naquela área.

Me pediram prá cortar madeira prá prá um tal de Zé Rebouças. Eu tava precisando de dinheiro. Derrubei a madeira, mas ele não falou quando ia pagar. Por menos de Cr\$ 150,00 a diária não aceitava. Perguntei se o tuxaua (do Contão) tinha dado permissão porque eu não quero passar por cima. Daí soube que ele queria madeira prá construir uma casa bem perto da maloca.

Ele é comerciante. Mas será que é bom ter um comerciante por ali? Espantamos fazendeiro, mas será que comerciante vendendo bebida, não prejudica também? O civilizado não sabe respeitar o índio.

Não vou entregar a madeira antes de conversar com o tuxaua e antes de ele me pagar o quanto eu quero. (Zé Rebouças).

Tuxaua Severino - São Jorge.

É a quarta vez que eu venho.

Tivemos muito prejuízo na nossa roça.

O pessoal procurou muito trabalhar com civilizado. Fizemos reunião para ver como é que estava. Foram quatro reunião num mês. Agora estamos trabalhando na comunidade, outra vez. O pessoal é bom, ouvi o tuxaua. Eu sou um dos causadores. Começamos com muita cachaça. Depois conversamos pra ver o que é que deveríamos fazer.

Agora tenho certeza que não vou mais tomar cachaça. De lá pra cá está indo bem.

Até nossa escola caiu. Vamos levantar outra vez, mas vamos fazer de tijolos.

Ano passado colhemos 100 sacas de arroz que foi dividida entre quem trabalhou. Este ano plantamos 5 sacas para colher só uma. A chuva, empatou.

São 17 famílias e 94 pessoas, que eu estou vendo todo dia.

Está terra é demarda para nós. Eu moro no meio de cercados. tem o cercado da missão e o do Bechara. E eu vou cercar toda aquela área da frente do Facu. Já falei na Funai e agora falo para os senhores. Agora, temos criação. E só vou tirar o cercado se a Missão e Bechara também tirarem. Mas não vou empatar caça nem pescaria.

Agora tô registrando num livro, a criação de cada família da comunidade.

O civilizado agrada muito pra poder aproveitar de nós. Me diz que eu posso comprar as coisas sem pagar, Depois vem cobrar. Como nós não temos dinheiro, ele manda pagar em trabalho.

Tuxaua Antônio - Contão

Tem 54 famílias lá no Contão. Tenho andado muito cansado. Lutei muito e não consegui nada. Não dá mais pra continuar no cargo. Vou entregar. Já fiz reunião, mas a comunidade não quiz. (aceitar novo Tuxaua).

Abel prometeu muita coisa. Disse que ia trabalhar pelos índios. Quando tivesse problemas era pra ter com ele, mas não faz nada. Houve o caso do Batista, telefonei 3 vezes pra ele e não fez nada. E ainda achou que estávamos encrendando com civilizado.

Fui na Funai, em Boa Vista, com Capanga. (para resolver o caso da expulsão das famílias do Xiriqui, pelo fazendeiro Batista). O advogado, falou que eles podiam ficar lá; que a terra era deles. No mesmo dia que estávamos resolvendo o problema lá em Boa Vista, o Batista passou um recado para o vaqueiro avisando pra não deixar ninguém sentar casa lá. Batista só permitiu a volta (para o Xiriqui) do último que saiu (capanga)

Delegado da Funai disse que era pra falar com Abel; que este assunto era pra ele resolver. Ninguém, nada, fez.

Tuxaua Jacó - Arai

No arai somos pouco. São 50 pessoas. A terra é boa porque fica na beira da mata. Antes o pessoal não queria ir para lá porque não tinha escola.

Então resolver levantar a escola para servir os companheiros que se achavam prejudicados. Agora os companheiros não querem colocar as crianças na escola. E a escola acabou, por falta de alunos.

O civilizado está avançando, imprensando cada vez mais. E nós precisamos de terreno para as nossas criações poderem prosperar. Com índio a mata não acaba. Agora, civilizado quer botar o gado na mata e a floresta vai se acabar. Só vai restar capim.

Nós deixamos branco entrar porque não tínhamos orientação. Funai não orienta, não organiza reuniões para a gente abrir nossas idéias.

Tem muitos filhos nossos casando com civilizados, que tratam a gente como bicho. Uma vez eu fui na casa do civilizado, pai do meu genro. Fui com este meu genro, que é civilizado, para pedir um dinheiro emprestado. Ele nem me convidou para entrar. Me deixou na chuva. Quando soube que era para mim, disse: "Ah!, pensei que fosse para gente,, mas é só um cabeclo." Por isso insito de que os meus filhos não casem, com civilizados.

Domingo é dia de culto e reunião. Mas muitos não vão e depois ficam falando por trás, criando encrenca e desunião.

Tuxaua Joaquim - Taxi

Não sei ler, não sei escrever.

Problema que me deixa muito triste é que tá entrando muita bebida na maloca e o pessoal fica bêbado e começa a brigar com os outros.

O gado da fazenda Darora e Paracal ainda tá entrando nas roças. Plantamos mandioca, milho, arroz, mas deram muito pouco por causa do inverno. Trabalhamos muito e tem quisse nada.

Tuxaua José - Curicaca

Perdemos o trabalho de roça. O inverno foi muito forte, estragou, alagou tudo. Este ninguém tem roça. Só tem para o gasto da casa. Arroz e milho não dá mais plantar este ano. Tornamos a plantar maniva.

Na maloca não querem plantar de união. Preferem trabalhar com civilizado e nem avisam o tuxaua que fazer isto. Um abandonou casa, roça, tudo e está por aí, trabalhando em algum lugar.

Os fazendeiros não aparecem mais para conversar, nem nada. O gado ainda continua lá, mas eu nunca encontro o vaqueiro. Continua entrando, mas eu vou dar um jeito. A Funai também falou que somos nós mesmos que temos que se encarregar do gado do fazendeiro.

A Funai falou que vai nos dar um gado para nossa criação. São 150 cabeças. É prá ir no final de dezembro (/79) ou janeiro(/80). Não sei se vem por terra ou com caminhão. Se for prá depois termos que pagar as viagens de caminhão com criação, então é melhor que seja por terra.

Tuxaua Vitalino - Santa Rosa

Não sei se vou acertar o que dizer. O mesmo que os irmãos falaram sobre o trabalho, nós tentamos fazer. Mas ninguém quer saber de trabalhar tudo unido, como nas outras comunidades.

As roças foram pequenas, mas o inverno estragou tudo.

Estive em Boa Vista falando com o delegado e voltei. E agora, vou tentar falar com o pessoal para unir.

O gado não sai de lá de dentro. Com o vaqueiro não dá prá resolver nada. Tem que ser com o dono. Perguntei pro vaqueiro: "Não tá vendo que este terreno tá cercado? Tá metendo gado aí porque? Prá eu comer?"

Sobre isto falei ao delegado na Boca da Mata. Diz que vem ordem prá tirar este fazendeiro dali. Mas ainda não resolvemos nada. Não sei se tão me enganando. Agora a Funai tá querendo ajudar, dando gado prá gente. Disseram que iam ver se dava para mandar com cominhão. Mas foram eles que falaram. Eu não pedi nada! Mas precisa primeiro tirar o gado do cercado, prá botar este que vem.

A Funai vai abrir cantina, sem exigir o pagamento das primeiras mercadorias na hora. É prá ir pagando quando dá.
É só isso que eu tinha prá falar.

Tuxaua Macário - Sorocaima

Sou puro Taurepang. Não sei falar bem o Português. Mas vou falar como posso, porque o padre não entende nosso idioma.

Meus amigos vem lhes falar de um grave problema. Tem um pessoal que veio da Bahia, da Paraíba, ou não sei de onde. Só sei que nunca fui lá na terra deles prá atr apalhar. Todos me conhecem desta região.

Mas esses posseiros daí parece que não sabem respeitar ninguém. Mas eu estou suportando porque não sou de fora, sou daí mesmo.

Tem Posto da Funai, e sempre troca chefe, mas o problema, por causa da terra, fica no mesmo.

Tem uma mulher, uma tal de Sebastiana, que anda até fazendo reunião para nos expulsar. O grupo dela anda animado por ela.

Comunidade tem 9 homens, fazendo força prá derrubar o mato. Parece que ela (dona Sebastiana) tem inveja porque nós temos terra plana e onde ela mora só tem serra.

Quatro horas da tarde cheguei e a polícia militar entrou na minha casa sem pedir licença e veio me buscar. Eu já sabia que era por causa da mulher.

Chegamos lá no Posto, me perguntou (Assis, chefe de Posto) por que eu estava sendo preso. Eu não sabia, porque nunca ofendi ninguém. Aí as polícias disseram que era porque eu estava ameaçando de morte a a Dona Sebastiana. Aí o Assis falou que não podiam só ir lá e prender, um índio; antes tinham que saber a estória direito, falou que ela anda provocando os índios para eles saírem de lá. E também que não podiam prender um índio sem antes ir falar com o Posto (da Funai). Daí os polícias queriam me deixar lá. Não me levaram de volta prá casa, porque disseram que estavam sem gasolina.

No dia seguinte, fui a Santa Helena, prá comprar combustor e, enquanto eu estava lá, vieram 6 soldados do BV8 e mais o Assis, entraram nas casas e pegaram 2 espingardas velhas, que usávamos para caçar. Depois o Assis se comunicou com Boa Vista, para saber de onde vinha a ordem e, lá, ninguém sabia de nada. O delegado da Funai, lá em Boa Vista, falou o exército para devolverem as armas.

Então, e, 10 de agosto, eu pedi a que a Funai fizesse uma placa prá botar na entrada da maloca. No dia 20 de outubro a placa apareceu toda furada.

O pessoal tá alarmado, pensando como é que soldado pode mandar mais que tuxaua e ir entrando por aí. Mas estão trabalhando e querendo viver sossegados.

Então eu preciso de ajuda para acalmar esta situação. Ela quer que eu saia e tão me perseguindo sem motivo nenhum. Mas prá onde, eu vou?

Não permito escola na minha maloca. Eu mesmo posso educar meus filhos. Uma vez foi um sobrinho estudar na Boca da Mata. Foi por ordem do Ministro da Educação. Mas, parece, que o Ministro da Educação é

muito pobre porque não dava boa comida pro menino.

Já vieram muitos para fundar escola lá (Sorocaima). Mas eu sempre falei que não é essa a educação que importa. Eu sei ensinar a plantar e a vender o produto e a comprar coisas boas. Mas eu estou vendo, que as crianças que vão indo na escola, estão ficando mal educadas. Só querem bater bola e bater nos outros.

Eu vim para esta reunião para buscar uma solução para este problema com os posseiros.

Tuxaua Silvério -- Barro

Hoje é o dia de agente se encontrar e resolver nossos problemas. Dois tuxauas daqui já falaram que querem largar o cargo. Eu também já falei com a comunidade que queria largar. Mas daí me disseram que seria mau exemplo para a comunidade. Se o tuxaua larga, quem é que vai querer pegar o cargo? Eu antes pensei que estava fazendo um bem; depois vi que estava errado.

Não devemos esmorecer porque nosso chefe da Funai não faz nada, por nós. Nós podemos ter nossas próprias orientações, entre nós, tuxauas mesmo. Mas parece que ninguém tá procurando visitar os outros, conversar com outros.

É preciso ter sempre um tuxaua porque senão os brancos agarram, tudo. Eu fui nomeado tuxaua porque era o único que tinha título de eleitor.

Precisamos nos encontrar mais, fazer visitas. O nosso delegado (o chefe de posto Funai) é macuxi, mas parece que não tá muito conosco. Por isso precisamos fazer nós mesmos.

A minha comunidade tá muito perto da Vila e o meu pessoal é muito difícil de lidar; às vezes obedece, outras vezes não.

Tem um civilizado, Sr. Zé do Hangar, que quer fazer um sitiozinho dentro da maloca. Disse que como era casado com uma cabocla, também tinha direito. Mas não deixamos.

Muita culpa do civilizado estar muito perto é nossa. Muitos parentes vendem suas terras ou taperas e não deviam fazer isto. Se não quer mais ficar, deixa a barraca ali e vai. Mas os parentes fizeram isto na inocência.

Este ano plantamos uma roça comunitária e queremos fazer uma maior no próximo ano.

Tuxaua Terêncio sugeriu, que à noite, reunissem-se tuxauas e Segundos tuxauas, a fim de que os últimos dessem sua opinião, falassem o que quisessem. Esta sugestão foi aceita por todos. Segue, assim, os depoimentos dos Segundos Tuxauas.

Sr. Elpidio - Cantagalo

Estou há 6 meses neste cargo. Acho que o pessoal tá gostando do meu serviço. Nunca faltei um dia. Já quis sair, para cuidar de minha criação, mas a comunidade não quis.

Não temos roças comunitárias, mas vamos fazer. Já estamos começando. O número dos homens que vão trabalhar varia, mas sete são garantidos.

Sr. D. Salvador - Limão

Fez seu depoimento na língua macuxi.

Sr. Sebastião - São Jorge

- 7 -

Só vou dizer quatro palavras. Eu não tenho muita voz para falar mas temos trabalhado bem. Até agora, temos trabalhado de agricultura. Plantamos muito mas a água estragou. Vamos continuar fazendo o mesmo, trabalho que fizemos no ano passado. As mulheres também vão pra roça.

Antes trabalhávamos de manhã e íamos caçar e pescar à tarde. Agora, com sugestão do tuxaua, só caçam e pescam no fim da semana.

Sr. Ambrósio - Contão

É a primeira vez que venho. Não conheço como é que estão fazendo Trabalho com 35 homens.

Temos pouco, mas temos. Dá pra viver.

O tuxaua diz que vai sair. Quando ele sair, eu vou sair também. Trabalhei 4 anos com o tuxaua, parei um tempo e agora, há mais um ano ou menos, voltei.

Sr. Eduardo - Curicaca

É obrigação dos tuxauas apresentar o secretário, mas o meu tuxaua nunca me apresentou.

Estamos um pouco atrasados com o trabalho de roça. O gado comeu minha roça. É o gado do Toninho.

Tem muito gado nesta área. Tem muita água corrente, mas tem que pegar água cedo, se não o gado suja. O gado come filhote (broto) de buriti e palha que a gente colheu.

Fizemos um acordo com a comunidade de Santa Rosa para trabalhar junto de roça. Serão doze homens. Escola não tá funcionando. O professor demorou pra voltar das férias. Voltou com duas mulheres, lecionou uma semana e voltou pra Boa Vista. Diz que não volta mais e que vai mandar a segunda mulher. Fechamos os dois buqueirões pro gado não passar. O Raimundo, vaqueiro da fazenda, está zangado e diz que não so - corre mais o índio. Ele não quer mais saber das malocas. Tem companheiro que não concorda conosco; não acham bom ter cantina, porque não vai ter movimento. Acho que não concordam porque lá não vai ter cachaça pra vender.

Prá este verão vamos colocar roça conjunta com Santa Rosa.

Sr. Paulo - Taxi:

O povo indígena em diferentes situações: isoladas e integrados. Estamos numa marginalização econômica e cultural. Estamos perdendo nossas terras. Será que nós não temos direito a estas terras para nossos filhos?

Os órgãos públicos falharam com o "Estatuto do Índio".

O aguardente está atrasando nossa comunidade. A vila fica 4 horas de pés de nossa maloca. Quando ganhamos algum dinheiro, compramos aguardente. Vem a embriaguês e a gente vai preso. Na nossa comunidade sempre fazemos festas. Mas tem um senhor em nossa comunidade, o Zé Maria, que leva cachaça para vender.

Chico Basílio, um civilizado, passou por lá e trouxe cachaça, não pra vender só alguém quizesse. Tentei proibir, mas eles disseram, que eu não podia proibir porque o Zé Maria tava vendendo. Quem disse, isso foi o Joviano, vaqueiro da (fazenda) Darora.

Queria baixar um lei pra acabar com isto tudo. Já vim na polícia e falei com Pe. Sérgio pra ver o que poderia ser feito. Quero ter mais autoridade para proibir a venda de cachaça. Se não eu deixo o cargo.

Sr. Antonio - Perdiz

Não sou secretário. O tuxaua não tem secretário. Ele nunca escolheu um secretário. Vou explicar.

O tuxaua foi resolver um caso, e não resolveu. A comunidade ficou^s decontente. Fizemos eleição e eu fui escolhido tuxaua.

Nosso trabalho era na escola. Trabalhamos um mês e quase conseguimos. Ele foi até a Funai, em Boa Vista, e de lá ficava passando recados pra comunidade. O pessoal começou a estranhar e perguntava como é que estava dando ordens. Ninguém sabia mais quem era o tuxaua.

Depois fizemos reunião e eu entreguei o cargo pra ele. Mas ele, não escolheu ninguém para ajudante. E os outros diziam que não queriam trabalhar com ele. Quando ele perguntou quem queria sair da comunidade quase todos levantaram a mão. O pessoal debandou porque o tuxaua não dá condições de unidade. Lá na comunidade quase todos são mestiços. Quase todos acostumados a trabalhar em fazendas. Não como nós, acostumados na roça. São acostumados à leite e carne. Mas, vamos ver, Tuxaua vai em Boa Vista, e, quando volta, é só quatro palavras que ninguém entende. Mas eu já falei pra comunidade pra deixar ele como tuxaua pra ver como é que vai ficar.

Um tuxaua aqui falou que não vai mais beber. Acho difícil; só fechando a fabrica. Quando o padre Sérgio, professor e professora (da) (Missão) estiveram lá, o tuxaua não pode atender porque estava cheio de cachaça.

Sobre a escola, temos 2 professores: um fica na aula e o outro fica ganhando dinheiro por aí. O professor nunca está na aula. só a professora. Dão aula das sete da manhã até às duas da tarde. Ganham dinheiro da Educação e do Mobral. E quando a Funai abriu vaga para enfermeira, a professora correu pra lá. Falei com o tuxaua pra tomar providencias e botar uma filha da maloca. Professores dizem que querem sair, mas a Secretária de Educação não deixa. Nós temos fé em Deus e queremos trabalhar. Agora vamos esperar. Se não houver comunidade, nem Missão, nem Funai, nem LBA ajudam.

Sr. Manuel - Arai

Nossa comunidade começou bem, mas está se acabando. Muitos disseram que vão embora. Não falando diretamente só conversas. Não sei o motivo. Vou perguntar a eles quando voltar.

Prá escola, gente do Baru veio ajudar e gente dali mesmo não quis (ajudar).

Apareceu uma mulher casada com um de lá. Bebe até rolar no chão. O tuxaua chamou a atenção do marido (dela) e então ele disse que ia embora. Acho que foi ela que andou espalhando a idéia de muitos irem embora. É ela que fica fazendo as conversas.

Sr. Vitalino - Barro

Estamos aqui pra ouvir conversa dos tuxauas.

Em todo o lugar, sempre tem um que tá fora. Na nossa comunidade também tem. Ele não aparece nas reuniões em dia de domingo. Ele chama o pessoal pra trabalhar com ele, mas ele mesmo não vai trabalhar na comunidade. Acho que devemos conversar com ele, conversando é que a gente se entende.

2º dia: 28/10/79

Tuxaua, Terêncio - Cumanã.

Estou há dois anos. O que posso dizer que melhorou é a amizade entre os vizinhos, O resto pode não estar indo muito bem, mas a amizade vai. São umas 180 pessoas.

Não está indo perfeito, mas eu estou procurando. Estou lutando primeiramente, pelo terreno. Depois vou lutar para outro futuro. Estamos tentando incentivar o trabalho em grupo. Vai melhorar. Sozinho não dá.

Neste verão, vamos tentar fazer uma roça comunitária, sem deixar de cada um ter a sua. Por enquanto, cada um só tem a sua e os outros tão ajudando.

Fui visitar outras áreas para aprender como os outros fazem e ver como posso fazer para minha comunidade.

Na reunião de tuxauas das Serras com a Funai, ficou resolvido, que não era certo a demarcação de "ilhas", deixando espaços vazios, onde as fazendas se instalam. Achamos bom marcar uma só área com cada mala fazendo limite a outra.

Era bonito o ver nossos filhos casarem com brancos. Era bonito se se misturassem como irmãos. Mas não dá certo.

Foi agora que eu descobri que o branco tá invadindo e tomando, conta de tudo. E o que é que nós devemos fazer? Deixar o terreno e sair para outro país? Acho que nós devemos lutar pelo que é nosso!

O gado tava sempre no nosso terreiro. Daí cercamos o terreno e botamos o gado pra fora. Botamos a lá vez. Eles botaram pra dentro de novo. Mas nós pegamos e botamos pra fora. E assim fomos fazendo. Outro dia foi a última "botação". Escrevemos uma carta pra contar pra todo mundo.

Teve gente da comunidade que ficou com medo de o fazendeiro tentar matar ou de levar porrada da polícia. Mas outros acharam que ta va certo.

O vaqueiro já veio me dizer que eu tava errado. Mas nós dissemos que avisado o fazendeiro já estava e nós estamos cansados de esperar pelos outros, que não adianta. Outra coisa: foi pro sul encontrar, com outros parentes. Gostei muito.

(A seguir relatou as conversas que teve com líderes como: Aniceto - Xavante, e Daniel Cabixi - Pareci. Krisou que, lá no sul, os próprios índios já demarcaram suas terras e tiraram os brancos e exigiram da Funai a confirmação desta demarcação.)

Sr. Juvêncio - Cumanã

Nossa viagem foi do dia 12 até o dia 21/10/79. Fizemos as visitas com motivo de ver os problemas de terra.

A primeira foi no Mato Grosso. Chegamos à noite. Começamos no dia seguinte, e conversar. A reunião foi das 9 da manhã às 6 da tarde. Tem problemas difíceis. Muitos não ligam o encarregado. Cada qual trabalha pra si, ou com civilizado, no garimpo. Não tem comunidade. Não trabalham de agricultura, tendo mata. O velho Levindo não permite. Já, tentaram, mas ele empata. Mas ele bota roça lá e faz pastagem pro gado. Falamos que era bom arrumarem auxiliares porque é difícil o tuxaua trabalhar sozinho.

De lá fomos pro piolho. Tem roça na retíngia do Quinô. Foram expulsos do lugar anterior. O que estraga a comunidade deles é a cachaça. Acho que isto é geral. É região de garimpo.

Depois descemos pra Maloquinha. O problema é a desunião. Só, quem vivem de garimpo. Não ligam pro tuxaua, não trabalham de união.

Alguns nem tem roça. Queixaram-se que o Tuxaua é muito parado. Outros, desejam trabalhar e querem que o tuxaua se anime.

Depois disso fomos pro Bananal. Lá estávamos sem dirigentes. Elegeram um, que estava na reunião, e um secretário. Venderam uma casa da maloca pro fazendeiro que está lá, criando gado. Sugerimos que fosse feita uma escola, porque lá há muitas crianças.

De lá fomos pro Caraparu, no dia 19. Tinha pouca gente e só no dia 21 apareceu mais gente. O problema é a falta de união também. Os tuxauas são desanunciados, muito aborecidos com o pessoal nos trabalhos.

Nós índios, estamos cansados de esperar. Não devemos mais esvivar no domínio do fazendeiro. Ninguém gosta de ser chamado de ladrão, preguiçoso, à toa, todo o tempo. Braço forte de fazendeiro é o índio. Civilizado não tem compaixão.

Nós mesmos devem-os fazer a demarcação, sem esperar pela Funai. Os posseiros e fazendeiros não ficam esperando o INCRA.

A lei existe, mas não foi cumprida. Agora nós é que devemos de marcar. E temos que fazer isto sem medo, todos nós. Se a autoridade re clamar, a gente diz que eles não vieram quando deviam. Agora vai ser como índio quer.

Sr. Bernardo - Boca da Mata.

Prá mim é um privilégio estar aqui assistindo, reunião no meio dos amigos, dos tuxauas. Queria conhecer todos.

Estou lá desde 75. Sou filho daqui mesmo. Sou filho do velho Sabá, da região daqui.

Aprendi a ler e a escrever aqui na Missão. Queria ser policial secreto. Fui dirigente de culto. Fui professor da Escola Dominical dos Evangélicos, em Boa Vista.

Muitos problemas por lá. Os primeiros tuxauas invocaram comigo para ser secretário. Eu ia orientando, de acordo com o que aprendi. Pe di prá não ser mais, porque havia falta de entendimento, de união, de obediência. Num ano teve quatro tuxauas.

No presente o problema é o mesmo. Os tuxauas lá de perto nunca fizeram uma reunião entre si.

A coisa que mais acaba lá é a língua. Somos 25 famílias. Não há união com Sorocaima e Bananal, porque nós somos Macuxi e eles são Taurepang. Mas eu tenho falado que todos nós somos índios e devemos es tar unidos.

Mas há brigas também entre os macuxis. Alguns pensam que o branco é bom. Não percebem que o branco está invadindo, sem ninguém sentir. Estão trocando as terras por um prato de comida.

O gado do João Ribeiro acabou com toda minha roça. Eu avisei prá ele que já havia tirado o gado 6 vezes. Da próxima vez que entrar, eu mato ali mesmo, na roça, e como; e não vou esconder. Vou distribuir a carne pra toda a comunidade. Falei pessoalmente com o fazendeiro. Ele me prometeu dar um churrasco pra cobrir o prejuízo. Mas teve a seu cerinônia de me dar somente as tripas e o bucho. E ainda falou prá eu levar prá ele um pouco de farinha seca e tapioca. Ele queria me cobrar o bucho e as tripas. Agora ele tem me chamado, pelo rádio, a Boa Vista.

João Ribeiro tem dinheiro e tá mexendo com advogado prá tirar o chefe do posto. O chefe do posto está a favor dos (índios), mas a comunidade não entende o trabalho dele.

Estão tentando abrir uma colônia em nossas terras. A principal é Da Sabá. Faz muita fofoca, botando os índios uns contra os outros. Tuxaua pediu prá eu escrever os nomes dos homens da Boca da Mata. Eu escrevi. E me pediu para acompanhá-lo até o BV8, prá entregar o papel pro tenente. Depois que eu fui saber que aquilo era prá tirar os tau-

repang de lá.

Ela (Da Sebastiana) é a representante do INCRA na região. Um Wapixana me mostrou uns documentos que mostravam que tava pagando uma quantia mensal pra ela (Da Sebastiana). Está errado! o índio não precisa pagar a terra que é sua. Pagando deste jeito, ele tá tirando a comida da boca dos filhos.

Os jovens de lá estão saindo muito. Estão dispersos pelo lavrado. Têm muitos saídos, até fugidos. Muito é por causa da cachaça.

Terra não é pra nós, é garantida pros filhos.

Ao final da tarde do segundo dia de assembleia, foram feitos três grupos a fim de buscarem soluções para os problemas ali apresentados.

Estes grupos foram assim construídos:

I	II	III
Taxi	Curicaca	Perdiz
Cantagalo	Santa Rosa	São Jorge
Contão	Sorocaima	Farrô
Limão	Boca da Mata	Arai
		Gumanã

Após os trabalhos em grupo, foi feito o plenário, onde foi apresentado o que se segue.

Grupo I

Queremos combater, com mais força o trânsito da cachaça. No Limão, não querem mais Zé Brandão, da fazenda Canimé, na área.

No Contão a preocupação é com o Batista, que já expulsou muitos da comunidade do Xiriqui. No Cantagalo a preocupação é com o Nego da fazenda Guanabara. Também um porco da fazenda Memória que está fuçando nas roças.

No Taxi, a preocupação é o aguardente.

Dias 26 e 27 haverá reunião destes tuxauas para falar sobre o problema do Xiriqui, no Taxi.

Grupo II

Curicaca e Santa Rosa vão se unir pra trabalharem de roça. Se der continuarão, trabalhando sempre em união. O problema é o gado do branco. Pensamos em tirar o gado do Fazendeiro Chico Pequeno e do Abílio. A comunidade toda vai dar um jeito de tirar, não só o gado, mas também os fazendeiros.

Boca da Mata pretende ser o centro da concentração das cinco ma locas. Nosso problema também é o gado. Queremos tirar o gado de lá, em união com a comunidade. Não só o fazendeiro que tem que sair, mas todos os posseiros, principalmente a Da Sebastiana. Não aceitamos a colônia de brancos dentro de nossa área. Nós mesmos faremos uma colônia indígena de agricultura. Temos de assegurar a nossa terra, que já está domar cada.

Em Sorocaima o problema são os posseiros que querem tirar os índios de lá. A comunidade está com medo. Tem que sair os perseguidores Da Sebastiana, Genésio e Antonio Magalhães. Queremos que eles saiam porque a área que ocupam é nossa.

Grupo III

O problema dos invasores, que estão maltratando a gente. Tuxauas estão perdendo o controle.

- Cachaça;

- desentendimento de índios com índios.

Fazer visitas às comunidades em que os tuxauas estão fracassados.

O tuxaua Antonio (Contão) não deve deixar o seu cargo. Nós, vamos ajudar ele, vendo os problemas da comunidade, com ele. Procurar, dentro da comunidade, a liberdade para não acontecer aquilo.

Estas visitas devem ser feitas em breve. E deverão continuar. Para o problema de Xiriquã, ir lá pra ver.

A cachaça - Quem vende na maloca, tá cometendo um crime. Devemos controlar mais quem está bebendo. Vamos mostrar ao nosso povo a nossa lei.

No problema entre os macuxis e os taurepang, isto pode ser resolvido com as visitas entre os Tuxauas.

Em seguida iniciou-se um debate sobre a forma pela qual devem ser demarcadas as terras das comunidades desta região. Falou-se numa demarcação através de placas, delimitando uma única área, onde uma maloca faria limite com a outra e todas essas malocas dessas com as das serras.

Foi lembrado que esta área está cheia de fazendas e que estas não sairiam tão facilmente. Além disto o povo, nas comunidades, talvez não estejam ainda preparado para assumir as responsabilidades de uma decisão tomada só pelos tuxauas. Por isso decidiu-se que, primeiramente, se garantiriam as terras ora em uso e necessárias à sobrevivência das comunidades e que, também, já estão sendo invadidas. Junto a isto, ir ocupando, gradualmente, tanto quanto possível, as terras pertencentes por direito, a todas as comunidades. Deste modo as áreas seriam reconquistadas com trabalho e não com palavras.

Ficou acertado também que os tuxauas, em reunião com suas comunidades, fariam sobre estas decisões, para que, juntos pensem em quanta terra é necessária para as malocas, inclusive prevendo o aumento da população e para que, juntos, tuxauas e comunidades, assumam as decisões e as coloquem em prática.

Os chefes decidiram iniciar brevemente um programa de visita entre as comunidades, com a intenção de ajudar as mesmas nos seus problemas e na conscientização na questão da demarcação das terras.

Além disto ficou concordado que os tuxauas proibiriam a venda de cachaça nas comunidades e não permitiriam mais que os civilizados situassem moradia ou criação nas terras das malocas.

A palavra foi dada então ao Pe. Sérgio.

A reunião é importante, mas é mais importante os compromissos que se tomam. É ver as linhas que vão ser seguidas e não, continuarem sempre os mesmos problemas. Não adianta esperar pela Funai, nem pelo padre. É a própria comunidade que vai salvar a comunidade. É ela, quem tem que assumir, nós só podemos aconselhar e dar ânimo, mas quem tem que fazer são vocês. Dias 14 (à noite), 15, 16, e 17 de janeiro de 1980 vai haver a Assembleia Geral dos tuxauas de Roraima. Logo a seguir vai haver o Encontro do CIMI, em Manaus. Tem que sair, daqui da reunião um representante indígena para ir lá. (Foi escolhido, por aclamação, o tuxaua Terêncio). Pe. Sérgio solicitou também que os doentes fossem logo encaminhados ao Hospital, que não esperassem muito tempo, nem que a doença se agravasse muito. Advertiu que os remédios da CEME, mesmo sendo grátis tem o mesmo efeito que aqueles que têm que ser comprados. É uma ajuda que o governo dá a quem não pode comprar os remédios. Sobre o internato explicou a finalidade e pediu que fossem mandados rapazes e garotas com idade suficiente para saber o que querem. A palavra, foi então dada a Vicente que falou sobre as cantinas, como começaram, qual a sua finalidade e como deverão funcionar, E que o assunto seria, aprofundado e melhor esclarecido, nas malocas, devendo os tuxauas

começar a providenciar o dinheiro para a compra inicial.

A Assembléia foi então encerrada com uma oração e para registro lavramos esta ata.

Missão São José, Surumu, 28 de outubro, 79.